

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

COMUNICAÇÃO SOCIAL / JORNALISMO / CCE

DISCIPLINA: "PROJETOS EXPERIMENTAIS"

ORIENTADOR: JOSÉ GATTI

EXECUTORAS DO PROJETO: SUZI NASCIMENTO

MARIA DO CARMO GARCIA

PROJETO DE CONCLUSÃO DE CURSO" O CINEMA VAI À ESCOLA"

Florianópolis, 03 de dezembro de 1986.

AGRADECEMOS A TODOS AQUELES QUE NOS APOIARAM
NESTE PROJETO.

AGRADECEMOS TAMBÉM AS ESCOLAS, EM PARTICULAR,
AOS ALUNOS , PEÇA FUNDAMENTAL DO NOSSO
TRABALHO.

RELATORIO DE ATIVIDADES DO PROJETO
ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL BATISTA PEREIRA

Nesta escola, embora mal estruturada e em condições precárias, sem um espaço físico adequado para o projeto, obtivemos grande apoio e tudo saiu mais ou menos como esperávamos.

Embora ainda não pudéssemos ir à escola em todos os dias planejados devido, principalmente, à falta de transporte da universidade para levar os equipamentos, contamos sempre com o apoio dos professores, da direção, dos alunos e dos funcionários. A direção sempre esteve presente, assistindo aos filmes e incentivando o projeto dentro das possibilidades. Foi como se o nosso trabalho fizesse parte do currículo da escola.

Os alunos sempre nos aguardavam e até mesmo nos cobravam quando nos atrasávamos, ou, por ventura, deixávamos de comparecer ao estabelecimento. Alunos de outras séries também cobravam da direção por não terem oportunidade de desfrutar do projeto como os alunos de 7ª e 8ª séries.

Iniciamos o nosso projeto em 12 de agosto, exibindo o curta-metragem "Animando", bem como ainda nesse mesmo mês levamos à escola o filme: "As Carrancas de São Francisco". Após as duas exibições, os alunos criaram desde redações até montagem de histórias através de colagens, desenhos, figuras, etc. Tiveram uma boa participação, tendo a professora de português contribuído para isso.

Esses trabalhos foram apresentados pelos alunos no dia 26 de agosto, dia especificado para tais atividades. Os melhores foram escolhidos por um júri composto de 6 alunos.

Já no mês de setembro, mostramos os filmes "Rendas e Rendeiras", "Vinícius de Moraes, um rapaz de família" e "Arte nas Escolas". O primeiro e o último filme chamaram mais a atenção da gurizada.

Após o "Rendas e Rendeiras", debatemos com os alunos a respeito dessa tradição que, aos poucos, está sendo esquecida e substituída

ída, como tão bem mostra o filme. Como atividade complementar, uma rendeira de local levou trabalhos em renda, juntamente com os instrumentos com que os faz. Mostrou como começou, como era antes e tentou ainda lembrar aos alunos que a renda é uma arte que deve ser valorizada, já que faz parte de cultura catarinense e principalmente da Ilha.

Já de uma qualidade não muito boa, o filme "Vinícius de Moraes, um rapaz de família" deixou muito a desejar. Simplesmente serviu para conhecer o poeta superficialmente. Após esse curta, a professora de Português trabalhou com os alunos em sala de aula sobre a vida e a obra do poeta.

"Arte nas Escolas" foi um filme bastante interessante para os alunos, já que mexe com uma realidade próxima à deles e procura incentivar a prática da criação artística no meio escolar.

No mês de outubro, mostramos três filmes de excelente qualidade técnica e de grande importância: "Linguagem da Madeira", "Boom" e "A Grande Questão". O primeiro serviu como conhecimento da arte de um escultor popular, o Mudinho, que faz lindos trabalhos em madeira e dá uma grande lição de vida, através de seu trabalho.

Aproveitando a deixa do filme, no dia 28 de outubro, levamos à escola um escultor, Carlos Beve, que também mostrou sua obra e tentou incentivar os estudantes a desenvolverem qualquer tipo de trabalho, bastando imaginação e criatividade.

Mas foram os filmes "Boom" e "A Grande Questão" que mais agradaram aos alunos, talvez de todo o projeto. Ambos desenhos-animados, tratam de uma questão muito importante; a era nuclear. Mas embora os alunos sejam super carentes em matéria de conhecimentos gerais, percebemos que captaram a mensagem dos filmes que, mesmo tratando de um tema tão profundo, mostram de forma bem simples e clara a questão nuclear e armamentista.

Novembro foi a vez de "Praça Tiradentes" e de "Um Minuto para a Meia-Noite". Esse último, de ótima qualidade sonora e visual, em

bora de 40 minutos, foi muito bom para os alunos. Ele explora várias alternativas de imagens e formas, é muito ativo e traz ótimas infer-
mações para um público leigo no assunto. Durante todo o filme, inter-
feríamos para explicar certas cenas e passagens.

No final do projeto, dia 2 de dezembro, fizemos uma exposi-
ção das fetes tiradas no decorrer de nessas atividades na escola, bem
como fomes avaliadas pelos alunos e professoreres, assim também pela di-
retera.

COLÉGIO ESTADUAL DOM JAYME DE BARROS CÂMARA

Nesta escola não foi possível começar o projeto no dia 12
de agosto, como havíamos previsto. Era dia de paralisação das escolas
públicas estaduais.

Por incrível que pareça, no dia 19 de agosto também houve
um imprevisto com o projetor de cinema e não tivemos condições de reali-
zarmos mais uma vez começarmos o projeto lá. Sendo assim, ficou marcado para
o início de setembro e torcemos, juntamente com os alunos e profes-
sores, para tudo dar certo.

Depois de tantos imprevistos, finalmente pudemos estreiar no
colégio no dia 9 de setembro, isto sem contar que na semana anterior
nao houve condução da universidade para irmos às escolas.

Nesse primeiro dia, exibimos o filme "Rendas e Rendeiras"
no Centre Comunitário em frente ao colégio. Porém lá, o som não fi-
cou tão claro e os professores nos propuseram a continuar o projeto na
sala de aula. Diretores, professores e até funcionários estiveram pre-
sentes, interessados em ver um pouco da cultura tão próxima a eles, co-
mo são as rendas. Chegaram mesmo a reconhecer no filme uma garota co-
nhecida na comunidade, bem como a mãe de uma rendeira presente, tam-
bém no local. Foi uma surpresa geral.

O outro filme que mostramos foi no dia 16 de setembro: "Hi-

giene Rural", de Humberto Mauro. O filme, embora bastante instrutivo, é um tanto antigo. Mesmo assim, deu para passar alguma coisa aos alunos.

Em virtude dos filmes muito ruins, o "Eleições" e o "Rocinha 77" foram substituídos por um outro de ótima qualidade que é o "Arte nas Escolas". Esse filme é de grande importância, no sentido de incentivar a arte no meio estudantil, seja lá de que forma for. Sobre isso, conversamos muito com os alunos, após a projeção, tentando mostrar-lhes que arte é uma coisa que tem que brotar de dentro, que cada um deles poderia criar. Basta dar asas à imaginação e acreditar que todos são capazes.

Como resposta disso, no dia 30 de setembro, lá voltamos e obtivemos trabalhos surpreendentes. Havíamos proposto aos alunos que desenhassem, pintassem, fizessem rendas, esculpisse, criassem músicas, teatro ou qualquer coisa parecida. Para tanto, pedimos que aproveitassem motivos de seu próprio meio, Ribeirão da Ilha, que é tão rico em belezas naturais e em cultura. "Pintou" de tudo mesmo: desenhos de casas açorianas, colagens, trabalhos em madeira e em bambu, pássaros em conchas do lugar, teatro, como também houve vez para a poesia e para a música. Todos os presentes ficaram tocados com as músicas, criadas pelo mesmo garoto e foram cantadas e tocadas no violão por ele também. Foram atividades excelentes e contou com uma grande participação dos alunos, que foram incentivados pelos professores de Português e de P.P.T.

Outubro foi a vez de "Linguagem da Madeira", "Boom" e "Grande Questão", como na escola Batista Pereira. Esse primeiro filme também agradou a todos. Completou o "Arte nas Escolas", incentivando a criação artística, sendo ainda bastante instrutivo. Uma semana após, levamos à escola o mesmo escultor para mostrar seus trabalhos.

Marcante também foram os filmes "Boom" e "A Grande Questão". Realmente chamaram a atenção da gurizada, pois são bastante didáticos

e serem desenhos-animados. Tratam ainda de um tema como a era nuclear de forma bem leve, o que fez com que se "ligassem" ainda mais. Ambos os filmes foram passados no mesmo dia, 21 de outubro, para compensar o dia 14, em que lá não comparecemos, devido à greve dos motociclistas (servidores) da universidade, quando ficamos sem condução novamente.

Finalizando o projeto nesse estabelecimento, em novembro exibimos "Kuarup" e "Um minuto para a meia-noite". Gestaram muito dos dois filmes, pois são bastante instrutivos e ricos, embora de temas diferentes. Mesmo sendo bastante longo, o segundo filme despertou bastante o interesse dos alunos, que entenderam a mensagem, o que ficou comprovado após a projeção. Agradou ainda mais aos professores e ao diretor de 1º grau, que estavam presentes. Aproveitando o tema desse filme, deixamos algumas matérias da Folha de S. Paulo sobre o leite contaminado por radiação e que está sendo importado no Brasil, para que algum professor pudesse discutir com os alunos.

Tanto como na escola Batista Pereira, do Alto Ribeirão, foi muito bem trabalhar nessa escola, apesar dos imprevistos e do atraso do projeto lá. Fomos bastante apoiados pelos diretores e professores, que sempre nos receberam muito bem e acompanharam o nosso trabalho de perto. Valeu, como também valeu para eles, sendo constatado isso através da avaliação final feita com eles. Pena nem todos os professores terem assistido os filmes e acompanhado o projeto, e que levou alguns a reclamarem disso, pois o projeto era em dia fixo e alguns dos professores não tiveram a sorte de serem privilegiados como os outros.

ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL PRES. CASTELLO BRANCO

Essa escola é um caso à parte, pois tivemos que encerrar o projeto praticamente na metade. Mesmo assim, tentamos alguma coisa. Lá exibimos apenas cinco filmes: "As Carrancas do São Francisco", "A

limentação", "Rendas e Rendeiras", "Arte nas Escolas" e "Linguagem da Madeira".

As primeiras exposições até contaram com um número razoável de alunos, mas o mesmo não pode ser dito no decorrer da metade do projeto, que não teve o respaldo da escola, como merecia, por diversas razões. Deduzimos que a direção da escola, mais precisamente, não levou muito a sério o projeto, mantendo-se timidamente à distância, como se o nosso trabalho fosse uma coisa à parte e não algo que pudesse estar integrado à educação de seus alunos. A impressão que tínhamos é que a nova diretora estava mais interessada noutras coisas, que não o projeto.

Embora tenhamos mostrado muita resistência e esforço em divulgar o projeto oralmente em sala de aula, ou através de cartazes, ou ainda através da professora de Português, e mesmo não pudemos dizer à direção que, em várias ocasiões esqueceu de avisar os alunos, como ocorreu já na primeira vez em que na escola comparecemos para iniciar o projeto. Sozinhas realmente não achamos por bem continuar o projeto sem receber o merecido apoio.

A direção, por sua vez, alegou que poucos alunos apareciam no dia do projeto, ou mesmo não compareciam, desmotivados e desacreditados devido às vezes em que não pudemos ir à escola por falta de transporte. Por coincidência, justamente nestas vezes apareciam mais alunos na escola para assistirem aos filmes. Outro fator, que talvez tenha contribuído para o não andamento do projeto seja o fato de que o horário de aula é no horário matutino e as exposições dos filmes eram na parte da tarde.

Acreditamos que este tipo de projeto requer uma total integração da escola, do contrário nesso esforço torna-se inútil.

DIFICULDADES ENCONTRADAS NO DECORRER DO PROJETO

"O CINEMA VAI À ESCOLA" é uma tentativa de grande importância para a educação. Só que exige um enorme esforço, paciência e perseverança.

Só nós sabemos quantas vezes, diante de tantos imprevistos, tivemos vontade de jogar tudo para cima. A começar pelo próprio plano do projeto. O quanto tivemos que andar atrás dos filmes e dos equipamentos, atrás de alguém que se interessasse em nos dar apoio. Com o projetor 16 mm, por exemplo, não foram poucos os esforços gastos para tentar conseguí-lo: Sesc, Eletrosul, Universidade e finalmente, a Fundação Catarinense de Cultura. Com esta última instituição, tivemos sorte. Porém, porquê pôde incluir o nosso projeto ao "CINEMA NA COMUNIDADE", desenvolvido com o apoio da Fundação. Isto nos permitiu utilizar seu projetor e os filmes conseguidos pelo SESC.

Quanto aos filmes, a nossa luta se repetiu. Primeiro fizemos uma lista, juntamente com os professores das escolas e enviamos ao Sesc. No final das contas, vieram pouquíssimos dos que foram pedidos, pois só nos ofereceram aqueles que seriam incluídos no "CINEMA NA COMUNIDADE". Mesmo assim, vieram alguns filmes ruins e tivemos que substituí-los várias vezes por alguns da própria FCC. Substituímos por exemplo: "ELEIÇÕES", "ROCINHA 77" e "LAGES, A FORÇA DO POVO".

Imprevistos também como a paralisação dos professores das escolas públicas estaduais, a falta de condução da universidade, a greve dos motoristas (servidores UFSC), dificultaram nossas atividades.

Sudo seria ainda mais difícil sem a presença do projetista da FCC, Sr. Borba, que tanto nos apoiou e nos acompanhou em todas as exibições.

CONCLUSÕES GERAIS SOBRE O PROJETO

Após quatro meses de experiência cremos que, apesar de tudo, nessa tentativa foi válida. Embora de pouca duração, o projeto propôs uma coisa nova em termos de educação e mesmo de comunicação. Iste pôde ser comprovado através da avaliação final feita pelos alunos, diretores e professores, sobre o nesso trabalho desenvolvido nas escolas.

Segundo eles, "O CINEMA VAI À ESCOLA" deveria ter continuidade, não só em sua escola, como também em outras, pois os alunos são bastante carentes em termos de informações e precisam conhecer novas realidades para despertarem mais o seu senso crítico.

Já os alunos, de um modo geral, tiveram uma boa aceitação do projeto e suas opiniões pouco divergem. Eles afirmaram que tiveram a oportunidade de ver algo de novo que contribuisse realmente para a sua educação. Além disso, os estudantes obtiveram uma visão geral de vários assuntos, alguns, totalmente desconhecidos para eles.

Como os professores, os alunos acharam o projeto curto demais e chegaram a sugerir filmes mais longos. Por outro lado, alguns estudantes pediram filmes americanos.

Concluimos com tudo isso, que apesar do projeto ter tido uma boa aceitação, vê-se o quanto a educação precisa mudar. Nota-se que os alunos estão impregnados por valores alheios aos nossos, têm uma grande carência cultural no que se refere ao país.

É óbvio que certos filmes foram mais interessantes que outros, alguns chamavam mais a atenção dos alunos, enquanto não pudemos dizer o mesmo de outros filmes, pela péssima qualidade técnica.

É bem enfatizarmos também, que os debates não foram tão acirrados, e que já prevíamos. Nem todos davam suas opiniões; uns por vergonha, outros por desinteresse e outros ainda, pela falta de senso crítico, ou pela dificuldade de expressão, fatores comuns na educação brasileira em geral. Acreditamos que o nosso projeto acertou na tentativa de mudar esse quadro, ou seja, fazendo com que os alunos se posicionem perante determinadas situações e problemas. Tentamos fazê-los valorizar sua própria cultura e suas habilidades individuais, porém tudo isso se foi apenas um começo, já que todo o processo de mudança na educação exige um longo prazo e requer uma reestruturação da sociedade em geral.

E o nosso papel nisso tudo? Cremos que, além de comunicadoras, fomos também educadoras, fateres estes, que sempre estiveram interligados. Como trabalho jornalístico, tentamos levar aos alunos novas informações e conhecimentos, "comunicar - lhes" novas realidades ou mesmo fazê-los despertar para a sua própria cultura, em determinados momentos. Não fomos atrás das informações para reelaborá-las, como nos demais projetos, no nosso caso, trabalhamos com informações prontas, sendo assim, fomos mediadoras de tais informações, isto é, servimos de elo entre os conhecimentos trazidos pelos filmes e o público que os assistiu. A partir desses conhecimentos, fizemos com que os alunos refletissem em cima das temáticas dos filmes.

Através do projeto "O CINEMA VAI À ESCOLA" podemos afirmar que, comunicar é educar e justamente tocamos no ponto principal do nosso trabalho: EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CINEMA. Por outro lado, outra tentativa do projeto foi transportar o cinema dos meios elitizados dos centros urbanos e levá-lo para pessoas que raramente têm acesso a uma sala de exibição comum. Desta forma, elas puderam ter contato com uma parte

da produção nacional, um hábito pouco freqüente na televisão brasileira. Esta se preocupa mais em divulgar os enlatados norte-americanos e fazendo com que as pessoas absorvam culturas que pouco têm a ver com a nossa realidade, fato que pudemos constatar nos alunos com quem trabalhamos.

Concordamos com o que Milton Nascimento diz, numa de suas músicas: " TODO O ARTISTA TEM DE IR AONDE O POVO ESTÁ". Porém diríamos que "TODO O INTELECTUAL DEVE IR AONDE O POVO ESTÁ, isto é, a cultura deve sair um pouco das mãos elitizadas dos intelectuais e tecer as mãos calejadas do povo. Este povo, que tantas vezes é objeto dos intelectuais, mas que raras vezes vê o produto final da história em que é o protagonista.